



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: UM (NOVO) CENÁRIO DE AULAS REMOTAS NAS UNIVERSIDADES

Camila Maria da Silva¹
Katia Antero Farias²

RESUMO

Propomo-nos avaliar como o processo de ensino remoto tem sido nas universidades, desde as instituições de ensino privado e público em que tomaram devidas decisões (ou não) de retomar o processo formativo das atividades educacionais por meio de aulas remotas. Conduzimos uma abordagem qualitativa para o estudo desta pesquisa, utilizando instrumentos de mídia digital, alcançando resultados obtidos através de recursos como: artigos, conversas no *WhatsApp*, *lives*, reportagens, etc. Quanto aos estudos bibliográficos relacionamos-nos nas contribuições de: Aranha (2006); Moran (2015); Santos (2014), entre outros. Ressaltamos que este é um momento de pensarmos no que estamos fazendo enquanto universitários e como agentes transformadores, uma vez que, somos habitantes de um universo que precisa de importantes papéis para o desenvolvimento humano, regional e sustentável.

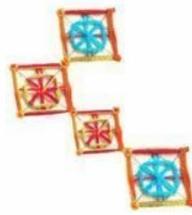
Palavras-chave: Alunos, Aulas remotas, Universidade, Tecnologia.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, vivemos claramente a predominância da tecnologia nas atividades educacionais e socioculturais. Com a presença da pandemia do novo Coronavírus- COVID-19-, percebemos o quanto estes atuais cenários de aulas remotas nas universidades nos desafiaram, exigindo de nós, universitários, novas formas de organizar e adaptar-se no nosso tempo-espaco. Consente-se, portanto, que as atuais

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da UNINASSAU - Campina Grande - PB, lorykamys.16@gmail.com;

² Mestre em Filosofia da educação; Docente do curso da Pedagogia (UNINASSAU): Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, cultura e diversidade – NUPEDI/IFPB – CNPQ, professorakatiaantero@hotmail.com



abordagens/ planejamentos/ execução saiam da zona de conforto fazendo com que as formas tradicionais e confessionais “fossem rompidas”.

Como objetivo dessa produção propomo-nos a avaliar como o processo de ensino remoto tem sido nas universidades, desde as instituições de ensino privado e público em que tomaram devidas decisões (ou não) de retomar o processo formativo das atividades educacionais por meio de aulas remotas. Portanto, contribuindo com certas respostas para a sociedade, na qual espera uma ação e não uma inação das universidades ao contribuir com a continuidade do processo formativo dos acadêmicos.

Neste sentido, preocupamo-nos com a seguinte pergunta: esse panorama de aulas remotas é essencial para a nossa trans (formação) como discente/ docente? Visamos o quanto ficamos atordoados nesse novo cenário- restritos de inquietações físicas, sociais e emocionais-; em que o mais importante é estarmos buscando/ encontrando aspectos para continuar com os nossos processos de formação, investigação e pesquisa, da mesma maneira que, interação social, mediação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)- mídias digitais que não foram usadas por muitos alunos-. E, portanto, reinventando-nos a cada momento: os momentos de maiores desafios são aqueles que nos inspiram a procurar soluções possíveis, cabe a nós transformar-nos radicalmente, fazendo escolhas que reflitam sobre mudanças que normalmente somos.

Essas mudanças que foram construídas e permanecem em movimento- em virtude do distanciamento social-, geraram diferentes formas de elaborar e representar conhecimento, de modo em que se enalteça a tecnologia prevalente nos diferentes estágios culturais. Ao trabalhar com a tecnologia na educação, não se pode compreendê-la apenas a partir da perspectiva antropológica ou cultural, mas é preciso considerar as diferentes realidades e ambientes em que os sujeitos/ assuntos estão inseridos nos quais os estudantes tem acesso (ou não) a internet e as plataformas digitais, especialmente o que vem sendo estabelecido na sociedade provocando um propósito/ objetivo próprio, nomeadamente: ensino-aprendizagem; comunicação-informação e o entretenimento de lazer.

Ao abordar as circunstâncias mencionadas nesta epistemologia, destacamos alguns subsídios destinados à educação na perspectiva da tecnologia. Os alunos quando



se envolvem com o ensino-aprendizagem através das mídias digitais, ganham mais autonomia, sendo o protagonista de seu aprendizado. De certa forma, os sujeitos com sua alta autoestima e a sensação de ter aprendido capazes de compreender e, ainda mais, produzir para os meios de comunicação social lhes dará ferramentas para a vida em sociedade. Estes se tornam mais conscientes das suas responsabilidades não só na universidade, mas também com toda a sociedade em volta dela. Para tanto, os sujeitos passam a ser criadores e propagadores de cultura local.

Conduzimos uma abordagem qualitativa para o estudo desta pesquisa, utilizando instrumentos de mídia digital, alcançando resultados obtidos através de recursos como: artigos, conversas no *WhatsApp*, *lives*, reportagens, etc. Consequentemente, ambientes e plataformas digitais que direcionam nosso *modus vivendi* influenciado pela comunicação, que hoje representa muito mais do que um corpo transmissor de informação. Quanto aos estudos bibliográficos relacionamos-nos com contribuições de: Aranha (2006); Moran (2015); Santos (2014), entre outros.

As discussões sobre esta temática visam realçar a situação que estamos vivenciando, tanto no contemporâneo como no global. Destinam-se a pesquisadores e influenciadores do tema que propõem-se explorar e investigar como a sociedade está a direcionar estas práticas diárias, acontecendo em diferentes áreas da comunidade acadêmica. Recordamos que são ambientes desafiadores para práticas pedagógicas, advindo por aulas remotas e, posteriormente, híbridas; da mesma maneira que, metodologias ativas voltadas ao sistema educacional, transcorrendo por temas transversais e mediadores, influenciados ou tendo influência digital.

METODOLOGIA

Este estudo científico foi baseado na trajetória do semestre 2020.1, focado em universidades públicas e privadas. Concebe-se, então, experiências de estudantes que são ingressantes em uma universidade privada na cidade de Campina Grande-PB. Usamos ferramentas qualitativas e de interlocução para coleta de dados: artigos, *lives*, conversas em *WhatsApp*, reportagem que contemplam este tema, bem como a vivência



das nossas práticas pedagógicas por meio das plataformas digitais; trilhando ações no contexto do ensino remoto durante a pandemia do novo Coronavírus- Covid-19.

A realidade é interdisciplinar e, quando os processos pedagógicos a consideram como ponto de partida, o ensinar e o aprender acontecem com a mesma lógica. Não há necessidade de planejar estruturas forçadas; ela acontece ao natural.(CUNHA, 1998, p.95).

Diante destes novos processos pedagógicos digitais relacionados com a comunidade acadêmica, tivemos contatos empíricos que contribuíram para a realização destes resultados obtidos. De certa forma, as aulas remotas como um papel de transmissor de conhecimento, são elevadamente superada pela própria tecnologia existente.

A TECNOLOGIA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO

As tecnologias - principalmente na educação-, impõem grandes transformações sociais e alteram profunda e irreversivelmente nossos mapas cognitivos. Ela pode ser entendida como um elemento crucial para a sociedade e “não pode ser compreendida fora de um contexto histórico-social concreto e, portanto, a prática social é o ponto de partida e o ponto de chegada da ação pedagógica.” (ARANHA, 2006, p.32).

Conceituando os seus movimentos em nossa ciência/ sociedade moderna, leva-se em consideração que, são resultados que vem explorando há tempos. E com isso, impulsa-nos a fazer parte de uma naturalização, isto é, fluxo natural, que se radicaliza nestes tempos onde o conhecimento universalista é diversificado e as formas de planejamento são determinadas de acordo com os desafios de cada indivíduo e conhecimento interdisciplinares.

Neste sentido, percebemos que a educação não evoluiu ao mesmo ritmo que a comunicação e o entretenimento, mas permanece com a responsabilidade de formar e educar sujeitos. Dessa forma, se vivemos e possuímos a (e na) Era Digital, por quê gera medo em instituições de ensino (básico e superior) adquirirem mais tecnologia para a educação? Consideremos as implementações de políticas públicas que visam melhorar



estes contextos digitais- precisando-se descobrir e construir com novas orientações pedagógicas que dialogam com os meios de comunicação social e a vida dos sujeitos com propostas/ objetivos específicos.

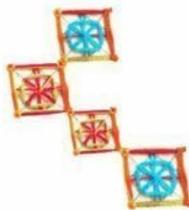
O ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DAS MÍDIAS DIGITAIS

Estamos vivendo em uma era em que necessita das mídias digitais,- especificamente no ensino-aprendizado-, denominado: Era do Conhecimento. Exigindo experiências de reflexões (tempo, maturidade) e seleções (critério, critica), duas práticas presente em nossos dias. Para tanto, estes novos paradigmas sócio-técnicos são articulados com as mudanças e a convergência de tecnologias específicas para se atribuírem a metodologias ativas nos sistemas educacionais. Santos (2014, p. 48) enfatiza que:

(...) não é mais o professor transmissor de informações (Escola Tradicional), nem na aprendizagem centrada no aluno (Escola Nova) ou na tecnologia (Escola Tecnicista). O foco é a rede! O ator é a rede! Redes de seres humanos (professores, estudantes, praticantes culturais) e objetos técnicos cocriando na interface cidade-ciberspaço. (...) Criar, compartilhar, remixar, reutilizar informações e saberes em rede e de forma colaborativa são desafios para a educação em tempos de cibercultura na era da mobilidade. (SANTOS, 2014, p. 48).

Nesta perspectiva, vemos o quanto estas metodologias digitais atuais chegaram a ter algumas alternativas interessantes à dinâmica do ensino- aprendizagem tornando professores e alunos proativos para transformar a realidade do sistema educativo possibilitando promover diferentes mudanças através de plataformas digitais em que podem permitir a confiança dos sujeitos aprenderem realmente a ter responsabilidade do seu aprendizado.

AULAS REMOTAS NAS UNIVERSIDADES



A permanência das aulas remotas poderá proporcionar às universidades um processo de presunção/ construção com este novo modelo de ser, proporcionando: novas formas de ensino-aprendizagem gerando produção de conhecimento, autonomia e práticas de sociabilidade em que as modernas formas de atender a demanda, especialmente à população em torno das instituições tendo uma iniciativa ousada, formando cidadãos e projetos interdisciplinares. Dessa perspectiva, Moran (2015) contribuiu para realçar:

A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo, agora, com mobilidade e conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo. (MORAN, 2015, p. 27)

Observamos que nem todas as universidades aderiram aulas remotas- até os dias de hoje-, em virtude de cada uma ter seu processo interno de maturação, de atuação de respeito à autonomia universitária e, decisões pelos órgãos colegiados. Lembramos que a reorganização dos calendários acadêmicos continua a ser um desafio- especialmente para as universidades públicas- uma vez que proporcionam aos cursos presenciais atividades presenciais, eventos científicos, atividades de estágios profissionais, laboratórios, etc.

Conseqüentemente, este cenário de aulas remotas torna-se um grande desafio para a comunidade acadêmica, pois muitos estudantes não têm estruturas específicas para consumir comunicações digitais. Além disso, ressaltamos o quanto essas aulas remotas estão excluindo muitos estudantes que não possuem acesso. Por esta razão, se os governos estaduais e federais estabelecerem políticas públicas destinadas a estes alunos, poderemos ter uma ação mais inclusiva em virtude dos excluídos.

Dessa forma, com o enfrentamento destas provocações também aparecerá oportunidades fazendo com que as universidades sejam ainda mais respeitadas- ao adquirir educação remota- e que possam assim, estar à disposição da sociedade a terem confiança da comunidade acadêmica no potencial de solução para tudo aquilo que se



apresenta como desafio estabelecendo por práticas comunicacionais interativas, hipertextuais e de comunicação de mobilidade.

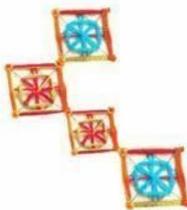
RESULTADOS E DISCUSSÃO

À medida que começamos o período 2020.1, em 11 Fevereiro de 2020, não esperávamos o quanto este nos surpreenderia, em muitas esferas. Em meados de Fevereiro a início de Março, o Brasil (assim como o mundo) estava recebendo uma nova ameaça, um vírus ultrapassando todas as fronteiras, denominado: COVID-19. Durante este período, todos os países encontravam-se em ações conjuntas na luta contra o Coronavírus; até ser decretado o isolamento social.

Neste segmento, houve muitos desafios nas estruturas sociais e produtivas em diferentes escalas espaciais, especialmente no sistema educativo. O Ministério da Educação (MEC) adotou iniciativas para que as aulas não fossem suspensas durante o isolamento social; autorizando (especificamente) instituições de Ensino Superior (particular e pública) a permanecerem em suas atividades educacionais com plataformas digitais permitindo que as aulas presenciais fossem substituídas por aulas remotas, usando a tecnologia de informação- mas que isto seria provisório-.

Governadores, empresários, reitores, entre outros, aproveitaram as autorizações do MEC e, imediatamente, foram buscar diferentes soluções para lidar com o ensino-aprendizagem através da comunicação de massa. Assim, desenvolveram módulos/ modelos em que os alunos e professores se encontrassem seguros com acesso à educação remota, ou seja, com este novo modelo de educação. A única forma de “resolver” a situação em que se encontrava (e se encontra) presente no mundo, bem como no Brasil, aconteceria com estas aulas virtuais, isto é, remotas.

Salientamos que nem todas as universidades tomaram tais medidas, especificamente públicas, por não terem ferramentas suficientes em ambos os contextos educacionais. Vimos que a recepção deste ensino em universidades privadas (em algumas) não foram tão difíceis, por oferecer na grade de seus cursos alguns componentes em forma de EAD. Conseqüentemente, a aprendizagem remota foi



rapidamente adotada em torno de uma à duas semanas em período de distanciamento social, por meio da plataforma Teams, da Microsoft, Google Meet e entre outras.

Essas aulas tornaram-se sincronizadas - em tempo real -, no horário em que os alunos tinham-nos em sua rotina. As plataformas utilizadas permitiam que os professores gravassem as aulas para que assim, os alunos que não pudesse estar presentes no momento das aulas, pudesse assisti-las depois. Estas plataformas proporcionavam a comunicação através de chat, videoconferência, e-books, linha de discussão, compartilhamentos de arquivos (tanto de professores quanto de alunos), etc. No que diz respeito à adaptação dos alunos no início deste novo formato, encontravam-se desorientados em relação ao acesso a plataforma; alguns deixavam seus microfones/ câmeras ligados (atrapalhando a conexão dos professores- e até mesmo dos estudantes-); outros não sabiam como introduzir às disciplinas digitais; e os demais, reclamavam em grupos de *WhatsApp* com problemas ao acesso das aulas em sincronização, enfim, evidenciaram-se uma série de dificuldades por grande parte dos estudantes.

Percebemos que nem mesmo os professores eram adaptáveis a essa nova realidade (aliás, ninguém estava preparado). Semanas depois, aprendemos a aprender, que mesmo diante de uma pandemia, não poderíamos parar de estudar e, continuamente, a desenvolver-nos. O ensino por meio de aulas remotas poderia nos trazer novas oportunidades e formas de adaptações; tornando-nos proativos, protagonista do nosso aprendizado e comunicativos em conhecimento. É necessário saber aproveitar e organizar a melhor forma de (re) desenvolver o enfrentamento da situação (seja ela em nossa vida pessoal ou profissional).

Neste percurso, percebemos o quanto as metodologias dos educadores foram úteis e reconstituídas no tempo e espaço, e encontravam-se a disposição para apoiar e preparar os estudantes em diferentes maneiras de ensinar e aprender, tornando os conteúdos mais significativos. A carência da tecnologia na contemporaneidade levou-nos a estabelecer novas maneiras de transmitir e assimilar conhecimentos. Com a gravação da videoaula e videochamada foram exploradas técnicas digitais que nem mesmo nós, alunos/ professores, sabíamos que iríamos utilizar deste recurso, sendo



assim, recursos tecnológicos que contribuíram para a nossa formação enquanto acadêmicos.

Mencionamos que, não é fácil naturalizar a comunicação digital - em residência- proporcionando novas práticas para ampliar nossos estudos. Uma vez que, teríamos de sair da zona de conforto para transformar o cenário do nosso quarto/cozinha em salas de aulas, ou seja, estabelecendo uma nova rotina, (r) elaborando estímulos que estivessem impregnados em nossos mapas cognitivos fazendo com que nossos objetivos fossem alcançados para enfrentarmos o período de pandemia e consolidar a rotina de estudo. Leva-se em conta, a instabilidade entre o ambiente estudo e o ambiente familiar, na qual são restritos de distrações: pessoas, sons, construções, animais, etc.

Perguntávamos diariamente, se as aulas remotas seriam imprescindíveis para a nossa graduação, devido a alguns profissionais dizerem: “*professor só aprende na prática*”. E conseqüentemente, com as aulas remotas surgiria resultados negativos em nosso processo de formação, sem a participação em: eventos presenciais, aulas práticas, estágios supervisionados, seminários, rodas de conversa, etc. Percebemos que com isto, altos níveis de evasão surgiram, tanto de alunos em universidades públicas quanto privadas. Consideramos também que a tendência da desigualdade social se estabeleceu em um número elevado no que diz respeito à educação, na qual a maioria tem acesso as aulas remotas e a outra metade não.

O distanciamento social nos mostrou que podemos - e devemos - atribuir a *LifeLong Learning* (profissional que aprende constantemente); interferindo na adaptabilidade, organização e se atualizando com as realidades que o mundo e os conteúdos da universidades vêm a apresentar. É importante destacar que possamos ter conhecimento em todos os momentos sem dispersar qualquer forma de ensino e aprendizagem. Se formos parar para pensar, se não estivéssemos aprendido ou adquirido a tecnologia, qual seria o sentido da comunicação digital através desta pesquisa etnográfica? Com ela, podemos e devemos conhecer outros resultados de pesquisas, novos pesquisadores e até mesmo produzir ciência através das pesquisas digitais.

Este aprendizado com/ através da mídia, para o universo da educação, tem sido essencial. E, se faz necessário pensar no que o sistema educacional vem (ou não)



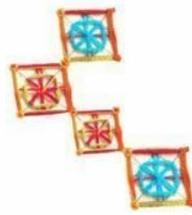
atualizando os modelos de ensino-aprendizagem. Salientamos também, o quanto a educação, no Brasil, está atrasada no que diz respeito à comunicação de forma virtual, uma vez que, alunos ingressam na universidade e, não sabem enviar (ou se quer) o que é um e-mail. Ressaltamos que a tecnologia está presente de maneira forte em nossa sociedade e até mesmo em nossa vida. Não é por acaso que vemos e veremos sujeitos defendendo (ou não) estes conceitos direcionados a tecnologia na educação, na qual a grande maioria apresenta resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ouvimos por inúmeras vezes a expressão “educação e tecnologia”, mas não procuramos conhecê-las radicalmente. Hoje, esses embates colocaram em relação direta a inovação e usos e manejos das novas tecnologias no sistema educacional, por conta das plataformas digitais, em virtude da COVID-19. Para tanto, essas discussões presentes em nosso cotidiano -sobre esses novos rumos- implica o avanço de modernos processos de ensino-aprendizagem, metodologias, e outras formas de reorganização na sociedade.

Diante das desigualdades que fomos e estamos enfrentando como consequência do distanciamento social, as instituições de ensino superior- privadas tomaram certas iniciativas para implementar metodologias digitais para o ensino-aprendizagem. Enquanto isso, instituições de ensino público cancelam as aulas indefinidamente devido à falta de recursos, principalmente pela falta de acesso à internet. Por esta e outras razões, houve um elevado número elevado de evasão e exclusão em ambas as instituições.

Certamente, em virtude ao que estamos vivendo, as universidades irão aderir aos processos de formação para a comunidade acadêmica, em que estudantes universitários -e os envolvidos- adotam metodologias ativas para as suas práticas sociais/ teóricas e pessoais. Por conseguinte, os núcleos de formação e desenvolvimento presencial como remoto/ EAD, fornecerá -juntamente com os reitores-, planejamentos para formação híbrida- remota e presencial-, através das TICs.



Leva-se em conta que nossas práticas de sociabilidade foram reinventadas e não paralisadas. Nossos professores continuaram com seus processos de socialização e diferentes iniciativas educacionais foram implantadas. Este é um momento de pensarmos no que estamos fazendo enquanto universitários e como agentes transformadores, uma vez que, somos habitantes de um universo que precisa de importantes papéis para o desenvolvimento humano, regional e sustentável.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. **A tecnologia como caminho para uma educação cidadã** . Filosofia da Educação. São Paulo. Moderna, 2006.

CUNHA, M. I. **Tecnologia mais ensino superior**: uma soma inevitável no mundo acadêmico. 1ª ed. Araraquara: JM Editora, 1998.

MORAN, J. **Aulas presenciais em tempos de pandemia**: relatos de experiência de professores do nível superior sobre as aulas remotas. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 27-45.

SANTOS, E. **O perfil necessário ao professor frente à influência da cibercultura no contexto educacional**. 1ª ed. Santo Tirso: Whitebooks, 2014.